

Comunicação e Dança: O Estilo Tribal em Cena

Melissa Fernanda de Oliveira Cézar – RA 19825

Resumo

Considerando a linguagem da dança como uma manifestação social que traz consigo um conjunto de signos através da expressão corporal, torna-se clara a evidência da interseção cultural, política, social e antropológica no fazer artístico, cuja transmutação ocorre em maior velocidade devido a influência dos avanços tecnológicos. Em meio a este cenário, surge o estilo tribal, uma vertente moderna da dança do ventre, definido como uma dança étnica contemporânea. Com base nas experiências recentes da aluna-pesquisadora e análise predominante de artigos acadêmicos na área de concentração dança-comunicação, o presente artigo relaciona a transmutação da linguagem da dança na atualidade com a comunicação e as novas formas de criar com a dança, traçando um paralelo na relação entre dança e mídia, com a proposta de atualizar os debates sobre o tema.

Palavras-chave: comunicação, dança, mídia, cultura, estilo tribal.

Introdução

A princípio, o trabalho de conclusão de curso originalmente intitulado “Mulheres que Dançam” surgiu com o propósito de reunir informações acerca do estilo tribal de dança do ventre e seu respectivo desenvolvimento artístico e cultural no Brasil, todavia seu conteúdo foi modificado e ajustado para atender às necessidades que se tornaram prioridade em visão da aluna-pesquisadora: falar da dança como uma arte que une homens e mulheres com ideais em comum. Com a influência das novas mídias, o projeto passou por adequações de formato para atender as necessidades criativas da aluna-pesquisadora, resultando na concepção de um website multimídia como projeto experimental, apresentado em 2017 como exigência final para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social — Jornalismo, sob orientação específica do professor mestre Paulo Souza Genestreti e coorientação metodológica da professora mestra Ane Katerine Medina Néri.

A execução do produto digital final necessitou de um extenso trabalho de campo em busca de eventos, entrevistas, depoimentos e personagens do cenário da dança e, na falta de oportunidades para produção de mídia, a aluna-pesquisadora inseriu-se com vigor no meio de produções culturais de dança tribal, para captações de áudio, registros fotográficos e gravação de vídeos, observando uma série de fatores que levou a um maior envolvimento no fazer artístico, sendo convidada, posteriormente, a ministrar aulas livres, escrever sobre dança, desenvolver laboratórios de mídia e participar da produção de eventos culturais locais, bem como atuar na assessoria de comunicação e

mídias digitais de artistas e empreendedores da dança. Hoje, dois anos mais tarde, sob orientação da professora mestra Kelly Gomes de Oliveira, o presente artigo traz como proposta apontar os resultados e continuidade do projeto, atualizando o debate sobre o tema e aprofundando-se no problema de pesquisa, em favor dos novos dados e informações obtidas.

A seguir temos a fundamentação teórica utilizada para desenvolvimento do trabalho de pesquisa e construção do produto jornalístico. Dentre os tópicos abordados, encontra-se o histórico do estilo tribal de dança do ventre, suas macrocategorias e vertentes, bem como uma explanação da linguagem da dança com enfoque no empoderamento feminino através da representação artística. Relacionando a dança com a comunicação, em especial com o fazer jornalístico, temos um referencial do jornalismo cultural especializado em dança. Para compreender a presença da linguagem da dança na atualidade é apresentado um tópico sobre o mercado de trabalho e o processo de ensino-aprendizagem na dança, trazendo, por fim, um relato das experiências recentes da aluna-pesquisadora e as novas formas de criar com a dança, traçando um paralelo entre a relação de dança e mídia, em especial no campo audiovisual.

Uma Dança Plural

Conhecida popularmente como uma vertente moderna da dança do ventre, o estilo tribal, também chamado de dança étnica contemporânea, surgiu no final dos anos 1960 em meio aos movimentos contraculturais do Woodstock, através dos valores éticos e estéticos percebidos nas primeiras precursoras do movimento: Jamila Salimpour e sua trupe Bal Anat. Em síntese, os mecanismos de contaminação e desenvolvimento da dança tribal estão intimamente ligados com os avanços tecnológicos da comunicação, em especial com a propagação das mídias digitais. Mas antes é preciso esclarecer o principal motivo que levou as mulheres a resgatarem a dança como uma prática pessoal e ver na dança do ventre uma forma de resgate ao sagrado feminino.

Graduada em Comunicação Social, mestre e doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Luciana Carlos Celestino trouxe uma importante contribuição para o meio acadêmico sobre o estilo tribal: o artigo “Sementes, espelhos, moedas, fibras: a bricolagem da dança tribal e uma nova expressão do sagrado feminino”, publicado em 2008, foi utilizado como uma das principais referências em trabalhos posteriores. Sua citação mais frequente é “falar sobre tribal é mostrar, com o corpo, a rede cultural dos povos do mundo”, que faz jus ao título do projeto, cuja intenção é ressaltar as características da dança que remetem à ancestralidade e naturalidade. Acerca do histórico da dança tribal, a pesquisadora aponta uma série de acontecimentos por trás do movimento, levando a crer que o mesmo é resultado de uma “onda cultural, estética, exotérica” que tomou conta do cenário mundial a partir da década de 60:

Ela [a dança do ventre estilo tribal] diz respeito a um discurso que falava da sacralidade do planeta, movimento que culminou com o surgimento da cultura Hippie; dos grupos de Bruxaria, surgidos na Inglaterra e depois disseminados nos Estados Unidos; de uma revalorização do Xamanismo; da emancipação feminina; e do crescimento de movimentos ecológicos. (CELESTINO, 2008, p. 1-5)

Conectada aos fundamentos do estilo tribal americano, novos elementos culturais são percebidos na fusão tribal, sendo segmentado, posteriormente, com a influência da cultura underground, em uma série de hibridações, tal como Joline Andrade, formada em licenciatura em Dança e no Curso de Dançarino Profissional e especialista em Estudos Contemporâneos sobre Dança pela Universidade Federal da Bahia apresenta:

Numa tentativa de acompanhar a liquidez das informações no mundo contemporâneo, a dança tribal, popularmente chamada de dança étnica de “fusão”, surge como proposta de agregar diferentes manifestações de danças étnicas das mais variadas regiões do mundo, e busca mesclar referências e matrizes de danças tradicionais e transpô-las numa estética contemporânea atualizada. [...] É relativamente recente no mundo da dança (surgiu em torno da década de 60, na Califórnia, durante os movimentos contraculturais do Woodstock), mas bebe na fonte de diversas culturas antigas e mistura tudo numa alquimia contemporânea. (ANDRADE, 2011, p. 13)

Sendo composta por símbolos de cada cultura envolvida, Andrade (2011, p. 83) afirma que o estilo tribal permite a mistura de quaisquer outras informações culturais por meio de experimentações combinatórias, no entanto, pode-se dizer que a dança do ventre permanece como a vertente mais influente em relação às outras danças que compõem o estilo tribal, tal como a psicóloga Lucy Penna a apresenta:

Esse [a dança do ventre] que provavelmente constituiu um dos primeiros sistemas de treinamento fisiopsíquico de que se tem notícia, revalorizando-se agora, traz à superfície certos valores antigos e sagrados. Seu significado tem relação direta com os conflitos atuais e suas resoluções dependem de que se viva aquele meio antigo de estabelecer contato com as forças misteriosas do corpo e da natureza (PENNA, 1997, p. 143).

Dança em Pauta

A área da Comunicação Social possibilita diferentes formatos de estudo, verbal e não-verbal, e apesar da segunda categoria ter sido menos privilegiada do que a escrita na transmissão do conhecimento, a contemporaneidade retoma esse campo do saber como objeto de estudo através da análise de linguagens artísticas para compreensão de fenômenos comunicacionais na vida social e cultural pós-moderna, em especial o corpo:

No estudo do não-verbal, o corpo é o instrumento básico para análise e reflexão. É a matriz geradora da dança, das performances, dos gestos plenos de significação consciente e dos movimentos espontâneos e/ou inconscientes. Campos como antropologia, sociologia, psicologia e educação vêm há muito tratando, com suas metodologias e referenciais específicos, dessas manifestações. (SIQUEIRA, 2006, p. 4)

A linguagem da dança é uma forma de expressão primal que se complexificou através dos tempos, sendo vista como um fenômeno estético, cultural e simbólico, um manifesto social através do movimento corporal. Como expressão de uma cultura, está inserida em uma complexa rede de

relações sociais; e, como objeto de estudo, traz como signo as transformações por que passa a sociedade.

Além de expressão da sociedade e da cultura, a dança cênica é arte, portanto, simbólica, e porta significações que transcendem o valor estético espetacular. Movimentos construídos coreograficamente e repetidos em cena contam histórias, revelam problemas ancestrais ou contemporâneos. São uma forma de expressão e comunicação complexa, pois envolvem valores e preconceitos, refletem o contexto histórico, econômico, cultural e educativo e podem suscitar discussão [...] (SIQUEIRA, 2006, p. 5)

Como campo de estudo, a dança sempre encontrou dificuldade nas mídias televisiva e radiofônica brasileira, restando ao jornalismo cultural o registro e discussão da linguagem. Ainda com o desenvolvimento de outras formas de comunicação via internet, como sites, blogs e redes sociais, o jornalismo cultural permaneceu como o campo mais expressivo de validação da dança feita no Brasil, reunindo desde agenda até críticas e reportagens, como aponta Camargo (2014), professora do Departamento de Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da USP, ressaltando as deficiências na comunicação desta linguagem:

Sem um ambiente autônomo de discussão, o jornalismo cultural de dança é abordado, preponderantemente, dentro do domínio geral do jornalismo cultural – quase sempre de forma generalizante e simplista. Das poucas referências que tratam da especificidade do campo do jornalismo cultural de dança no Brasil, vê-se, em muitos casos, um olhar restrito a uma localidade no território nacional e não uma análise abrangente do fenômeno. (CAMARGO, 2014, p. 13)

Vivemos na era da comunicação e a palavra da vez é “interação”. Tudo está em rede e a internet está presente em diferentes plataformas – computadores, celulares, televisores, dentre outros dispositivos. Todavia, esta liberdade midiática ocasiona na difusão de informações erráticas, e o mesmo acontece no meio artístico: o público levanta questionamentos sobre a prática e a metodologia de diferentes linguagens, inclusive da dança e, especificamente, o estilo tribal de dança do ventre, ainda mal compreendido. Desenvolvido por Luana Saturnino como trabalho de conclusão de curso, o portal IdenTribal é uma referência importante de web jornalismo universitário especificamente sobre o estilo tribal de dança do ventre. Num depoimento, a autora destaca as dificuldades de pesquisar e escrever sobre o estilo:

É realmente muito arriscado falar sobre algo que se gosta na pele de jornalista. Mas resolvi arriscar. Se bem recordava, até então só haviam dois trabalhos de caráter acadêmico no país sobre o assunto – uma monografia e um documentário. Ambos nordestinos, mas nenhum pernambucano. Me pareceu ser uma incrível oportunidade e segui. Não me arrependendo. [...] Devido ao nicho reduzido, porém crescente, muitos dos entrevistados já se conheciam, chegando a trabalhar juntos em grupos diferentes. Parece uma grande teia. Porém, julgo o quão enriquecedor pode ser prestar atenção à diversidade de opiniões de cada indivíduo (SATURNINO, 2012).

É certo que a expansão das mídias digitais tornou-se responsável pela propagação do estilo tribal, mas as informações sobre ela precisam ser estudadas, sintetizadas e organizadas de forma a salientar os questionamentos pertinentes à área. É necessário reafirmar e manter atualizadas as pesquisas desenvolvidas sobre vertentes contemporâneas da dança, e cabe aos profissionais de

comunicação, em especial os produtores de conteúdo, levar a informação com clareza e imparcialidade ao público que surge com a expansão do estilo.

A Dança como Área de Conhecimento

Atualmente, temos escolas de dança e autônomos em todo o país oferecendo cursos livres, workshops e cursos de formação em dança, mas poucos discutem a formação necessária para exercer essas atividades. A lei que regulamenta as profissões de Artista e de Técnico em Espetáculo e Diversões (6.533/1978) diz que para atuar como profissional em TV, cinema, teatro, publicidade, show de variedades e dublagem é necessário ter o registro profissional emitido por uma Delegacia Regional do Trabalho, o chamado “DRT”; todavia, a lei não versa sobre professores, porque para se qualificar como professor em qualquer que seja a área, é necessário ser licenciado para tal. Entretanto, como a dança não possui um conselho regulador próprio, qualquer indivíduo está habilitado a ministrar aulas de dança, ainda que não esteja qualificado legalmente para tal. Todavia, o aspirante a dançarino e professor profissional pode encontrar outras dificuldades para a exercer a profissão, como veremos a seguir.

O boletim Arte na Escola número 58, publicado em 2010, apresentou matérias e entrevistas relevantes sobre o lugar da dança na escola, a necessidade de formação específica para professores que ensinam dança e o ensino da dança no ambiente acadêmico, conforme os parâmetros curriculares nacionais. Somente em 2016 o Senado aprovou a inclusão obrigatória de conteúdos de dança, artes visuais, música e teatro no ensino básico brasileiro, tanto para escolas públicas quanto particulares, pela Lei 13.278/2016, alterando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB — Lei 9.394/1996), prevendo o prazo de cinco anos (até 2021) para os sistemas de ensino implantarem as mudanças propostas pelo projeto nos cursos pedagógicos.

Embora a dança venha ganhando valor, principalmente nas escolas de educação integral e na abertura de cursos de licenciatura específicos, ainda há poucos professores formados em dança. Por este motivo, no Brasil, os profissionais de dança optam prioritariamente pela formação em Educação Física e/ou Educação Artística, onde a linguagem se apresenta sob o título de Artes Cênicas, juntamente com o teatro. Nas escolas há também o dilema no ensino da dança dentro das disciplinas citadas: em Educação Artística, a linguagem divide espaço com artes visuais, música e teatro; em Educação Física, ocorre as práticas esportivas, como futebol, ginástica e lutas, em detrimento de expressões como a dança.

Como resultado dessa negligência, a dança aparece na escola somente em festas folclóricas e nas datas comemorativas, perdurando o preconceito na tradição cultural: da dança como apêndice, vista como “coisa de menina” e resumida em “balé clássico”. Como valorizar esta formação mais

ampla da corporeidade do aluno? Márcia Strazzacappa, doutora em Estudos Teatrais e Coreográficos (Universidade de Paris) e livre docente na Unicamp, publicou, em 2001, o artigo “A Educação e a Fábrica De Corpos: A Dança na Escola”, trazendo uma crítica sobre a imobilidade como sinônimo de bom comportamento e destacando as vantagens da introdução da dança no espaço escolar, concluindo:

Fica claro que a questão da educação corporal não é de responsabilidade exclusiva das aulas de educação física, nem de dança ou de expressão corporal. O corpo está em constante desenvolvimento e aprendizado. Possibilitar ou impedir o movimento da criança e do adolescente na escola; oferecer ou não oportunidades de exploração e criação com o corpo; despertar ou reprimir o interesse pela dança no espaço escolar, servir ou não de modelo... de uma forma ou de outra, estamos educando corpos. Nós somos nosso corpo. Toda educação é educação do corpo. A ausência de uma atividade corporal também é uma forma de educação: a educação para o não-movimento – educação para a repressão. Em ambas as situações, a educação do corpo está acontecendo. O que diferencia uma atitude da outra é o tipo de indivíduo que estaremos formando. Cabe agora a cada um de nós fazer a reflexão (STRAZZACAPPA, 2001, p. 79).

Novas Formas de Criar com a Dança

Atualmente, um professor de dança com nível superior tem a oportunidade de ministrar aulas de Educação Artística no ensino fundamental e médio da educação básica, além de atuar como instrutor em cursos livres e academias da rede pública ou privada. Como bailarino ou dançarino popular, o mercado de trabalho é um pouco mais restrito, tendo como um dos requisitos o registro profissional – DRT. Como gestor, é preciso noções de administração, contabilidade e recursos humanos para o desenvolvimento de projetos culturais, seja particular, como captação de recursos ou para financiamento coletivo, sendo os últimos muito procurados por empresas de grande porte para fins beneficentes. Outras possibilidades de carreira incluem a produção cultural de eventos e espetáculos, design de figurinos, cenografia, mídia - fotografia, filmagem - e conteudista para mídias sociais, portais, jornais e revistas.

Dentre as experiências com dança, a aluna-pesquisadora se deparou com uma nova forma de criação experimental que propõe o cruzamento da linguagem audiovisual com a linguagem da dança: a chamada videodança, uma arte contemporânea que vai além do registro de uma performance ou de um clipe de dança, englobando diferentes expressões num mesmo produto: a trilha sonora, a dança concebida para o vídeo e a filmagem em si, podendo conter sobreposição de textos, fotografias e narrações. A beleza da produção fica por conta da edição, do uso de efeitos especiais e mixagem da trilha. A expressão conhecida como videodança passou a ser reconhecida a partir de obras da década de 40, quando formulava-se o termo “filme-dança”, mas se firmou como linguagem somente no início dos anos 70. Spanghero (2003) utiliza a terminologia para englobar três tipos de prática:

1. O registro em estúdio ou palco, ou seja: a gravação da coreografia com uma ou mais câmeras sem que esta sofra alterações significativas.
2. A adaptação ou transdução de uma coreografia preexistente para o audiovisual, que se resume na captura da câmera e o ambiente do computador.
3. As danças pensadas diretamente para a tela, cuja terminologia correspondente em inglês é *screen choreography*: são as danças concebidas especialmente para a projeção na tela.

Esta classificação pode ser expandida em inúmeros tipos de práticas diferentes envolvendo o movimento do corpo e o audiovisual, pertencentes ao panorama da videoarte. Todavia, para o trabalho em questão, a que mais se aplica é a descrita no terceiro item:

O que interessa primordialmente é que a câmera dance com o bailarino e que o bailarino se coloque no espaço e no tempo da câmera. no olhar da câmera. quando a dança é captada pelo olho da imagem, ela ganha uma outra existência. na realidade, este jogo adaptativo permite o florescimento de novas práticas para a dança e a modificação do corpo.

Caldas (2008) também sintetiza uma definição para videodança: “Em síntese, videodança trate-se de uma produção coreográfica especialmente concebida para a tela e que só existe plenamente dentro da tela. De uma obra de dança criada como vídeo ou de um vídeo criado como dança”. Basicamente, a videodança é um gênero audiovisual de linguagem híbrida, como diz Farias (2015) em seu artigo “Tribal Fusion e Videodança: O Duplo Hidridismo na Tela”:

Tudo se torna possível; dançar de cabeça para baixo, multiplicar o performer em cena, acelerar e desacelerar seus movimentos, inverter o sentido da ação, alterar cores, sobrepor imagens, entre múltiplas possibilidades. desse modo, a dança do performer modifica e é modificada pelas técnicas de filmagem e edição. os movimentos que antes não eram permitidos pelas limitações do corpo, dentro de outro tempo/espaço tornam-se realidades possíveis graças à hibridação corpo/tecnologia digital.

Assim como o estilo tribal, a videodança surge como uma forma de linguagem abrangente em estética, movimento corporal e pensamento crítico, agregando técnicas diversas de outros estilos de arte, como por exemplo a animação e a fotografia, propondo assim uma poética entre artistas da dança, do cinema e da música. De maneira alguma ela pode ser confundida com um clipe de dança: “A resposta que distingue um vídeo-dança de um filme de dança ou de uma dança filmada pode estar resumida na decupagem, na câmera e no espaço de representação.” (VERAS *apud* MATTAR, 2014).

Pioneira na produção de videodança de Tribal Fusion no Brasil, Mariáh Voltaire define a expressão “como uma linguagem de mediação tecnológica e não como um processo de colagem; tampouco como mera exploração de efeitos técnicos.” (VOLTAIRE, 2010 *apud* FARIAS). Guilherme Schulze, produtor e pesquisador na área, propõe a compreensão da videodança “como síntese de múltiplas dimensões narrativas de análise constituídas essencialmente pelas dimensões primária, secundária e terciária.” (SCHULZE *apud* FARIAS, 2010), que Kilma Farias descreve, respectivamente, como o contexto e corpo, os planos do “olhar” da câmera e a “coreoedição”.

Seguindo esta mesma linha de pensamento, a australiana Karen Pearlman faz uma observação curiosa sobre o procedimento de editar e coreografar: “A aproximação da arte de editar e coreografar reconhece procedimentos similares para a construção das sequências e seleção de imagens/movimento” (PEARLMAN *apud* MATTAR, 2014), direcionando para uma nova perspectiva da dança como imagem.

Conclusão

Considerando a linguagem da dança como uma manifestação social que traz consigo um conjunto de signos através da expressão corporal, torna-se clara a evidência da interseção cultural, política, social e antropológica no fazer artístico, cuja transmutação ocorre em maior velocidade devido a influência dos avanços tecnológicos. Em meio a este cenário, surge o estilo tribal, definido como uma dança étnica contemporânea. Sendo composta por símbolos de cada cultura envolvida, o estilo tribal permite a mistura de quaisquer outras informações culturais por meio de experimentações combinatórias.

Como campo de estudo, a dança sempre encontrou dificuldade nas mídias televisiva e radiofônica brasileira, restando ao jornalismo cultural o registro e discussão da linguagem. Ainda com o desenvolvimento de outras formas de comunicação via internet, como sites, blogs e redes sociais, o jornalismo cultural permaneceu como o campo mais expressivo de validação da dança feita no Brasil - com deficiências. É necessário reafirmar e manter atualizadas as pesquisas desenvolvidas sobre vertentes contemporâneas da dança, e cabe aos profissionais de comunicação, em especial os produtores de conteúdo, levar a informação com clareza e imparcialidade ao público que surge com a expansão do estilo.

Todavia, para haver interesse na dança enquanto pauta, se faz necessário a valorização da mesma na formação da corporeidade do indivíduo. Profissionais do meio defendem o aumento da oferta de cursos superiores de dança e a criação da dança enquanto disciplina do ambiente escolar e acadêmico. É comprovado que a dança traz benefícios e vantagens na saúde física e mental, bem como promove a consciência social e contribui para a maturidade. Aliada a música, a dança também tem um papel importante do ponto de vista histórico e cultural, considerando que o contato com estilos variados proporciona uma nova visão de mundo.

Nesta relação dança-mídia, novas formas de criar com a dança foram percebidas na contemporaneidade, que podem vir a contribuir com a divulgação, propagação e consequente compreensão da mesma: do cruzamento de linguagens - do audiovisual à dança como expressão e movimento, sem necessariamente estar ligado a uma performance - surge a chamada videodança,

uma criação experimental que integra corpo, música e imagem, abrindo novos caminhos para estudos interdisciplinares em mídia, cultura e linguagem partindo da comunicação.

Referências

ANDRADE, Joline Teixeira Araújo. **Processos de Híbridação na Dança Tribal**: estratégias de transgressões em tempos de globalização contra hegemônica. Salvador, 2011. Monografia (Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos sobre Dança). Universidade Federal da Bahia.

BOLETIM Arte na Escola. **Dançando para Ensinar a Dançar**. nº 58, São Paulo: 2010.

CALDAS, Paulo; BRUM, Leonel (org.). **Entre Imagem e Movimento**. Dança em Foco, vol 3. Rio de Janeiro: Oi Futuro, 2008.

CAMARGO, Andréia Vieira Abdelnur. **A Dança que o Jornal Reporta**: considerações sobre dança e jornalismo cultural no Brasil. Dança: Revista do Programa de Pós-Graduação em Dança (USP). Salvador, 2014.

CELESTINO, Luciana Carlos. **Sementes, espelhos, moedas, fibras**: a bricolagem da dança tribal e uma nova expressão do sagrado feminino. Rio Grande do Norte, 2008. Artigo (Pós-Graduação em Ciências Sociais UFRN). XVI Semana de Humanidades da Universidade Federal do Rio grande do Norte.

FARIAS, Kilma. **Tribal Fusion e Videodança**: o duplo hibridismo na tela. 2014. Artigo (Licenciatura em Dança) – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Corpo Cênico (NEPCênico), Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2014.

MATTAR, Bia. **A Arte da Videodança**. Diário Catarinense, Santa Catarina, 16, ago. 2014.

PENNA, Lucy. **Dance e Recrie o Mundo**: A Força Criativa do Ventre. São Paulo: Ed. Summus, 1997.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira; SIQUEIRA, Euler David. **Para uma reflexão sobre corpo, arte e mídia**. Logos: Corpo e Contemporaneidade. Ano 13, 2º semestre, 2006.

_____. **Corpo, Comunicação e Cultura**: a dança contemporânea em cena. Campinas: Autores Associados, 2006.

_____. **Dança Contemporânea**: objeto de estudo da comunicação. Logos: Comunicação e Artes. Ano 10, nº 18, 2003.

SPANGHERO, Maíra. **A Dança dos Encéfalos Acesos**. São Paulo: Itaú Cultural, 2003.

STRAZZACAPPA, Márcia. **A Educação e a Fábrica de Corpos**: a Dança na Escola. Cadernos Cedes, ano 21, nº 53, 2001.

Online

SATURTINO, Luana. **IdenTribal**. Disponível em:
<<http://www.unicap.br/webjornalismo/identribal>>. Acesso em 24 de maio de 2019.